

CONTABILIDADE NOS CAMINHOS DA CIÊNCIA

José Roberto Batista¹

Não somos responsáveis apenas pelo que fazemos, mas também pelo que deixamos de fazer.

MOLIÈRE

RESUMO:

Este artigo discorre sobre as formas de conhecimento e sua classificação. A questão da categorização das ciências é apresentada como eixo de discussão para a inserção da Contabilidade no mundo científico. Além disso, trata de temas pertinentes, tais como: objetividade, bom senso e comportamento ético dos profissionais contábeis.

Palavras chave: ciência, conhecimento e contabilidade.

Abstrat:

This article discusses the forms of knowledge and its classification. The issue of categorization of science is presented as a point of discussion for the insertion of Accounting in the scientific world. Moreover, dealing with relevant issues, such as: objectivity, common sense and ethical behavior of accounting professionals.

INTRODUÇÃO

A revolução científica ocorreu a partir do século XVII e a ciência se consolidou baseada em dois pilares. O primeiro refere-se à parte da educação universal, como forma hegemônica de construção da realidade; o segundo se estabelece como processo de transformação e desenvolvimento da humanidade em seus diferentes segmentos.

Hoje, a hegemonia do conhecimento científico se justifica por razões interna e externa ao seu campo. A interna é constituída de conceitos, métodos e técnicas de

¹ Auditor da Receita Estadual e Professor Adjunto da Faculdade Araguaia, especialista em Direito Tributário e Mestre em Sociologia do Trabalho, com concentração em Sociedade e Política.

compreensão do mundo estabelecida por meio de uma linguagem, que é instituída e controlada pela comunidade científica; a externa está relacionada com sua capacidade de responder questões técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento industrial.

O objetivo deste estudo visa, basicamente, mostrar as formas de conhecimento e suas classificações, categorização das ciências e como a Contabilidade se insere nos caminhos da ciência.

O instrumento para a coleta de dados restringiu-se apenas à pesquisa bibliográfica, que se realiza a partir do registro disponível em documentos como, por exemplo, livros e artigos científicos.

O artigo faz, inicialmente, uma reflexão sobre as formas de conhecimento e sua classificação. Em seguida, apresenta uma categorização das ciências e a inserção da Contabilidade nos caminhos da ciência e, por fim, as considerações finais.

1. Conhecimento, Ciência e Contabilidade

O homem recorre a diversas formas de conhecimento para sentir, conhecer, compreender e interagir com o seu meio ambiente e o mundo. A preocupação com o conhecimento surgiu desde a antiguidade, e nessa busca os povos antigos desenvolveram várias formas de saber, tais como: os egípcios desenvolveram a trigonometria, os romanos a hidráulica, os gregos a geometria, a mecânica, a lógica, a astronomia e acústica, entre outros.

As formas de conhecimento se classificam em senso comum (popular, empírico), religioso, filosófico e científico. O senso comum é valorativo por excelência e tem origem na observação por meio de um processo indutivo, ou seja, utiliza os órgãos dos sentidos para conhecer e qualificar o seu objeto.

Por exemplo, o lavrador busca conhecer o tempo apenas recorrendo à sua visão, para ele quando o céu está cheio de nuvens; afirma ele que irá chover, porque foi dessa forma que aconteceu da última vez que choveu, e ainda este conhecimento será transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado na última experiência pessoal.

O conhecimento religioso se estabelece por doutrinas que contém proposições valorativas, sagradas, por terem sido reveladas pelo sobrenatural por meio de inspiração e, por isso, essas verdades são certas e não podem ser contestadas. Além disso, este conhecimento é ordenado, visa mostrar a origem, significado, finalidade e destino do homem e do mundo (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Já o conhecimento filosófico se baseia em hipóteses e não são submetidos à observação e experimentação, contudo baseiam-se na experiência do homem, por isso ele é valorativo e não verificável. Nesse sentido, Marconi; Lakátos (2009) relatam “o conhecimento filosófico é caracterizado pelo esforço da razão para questionar os problemas humanos [...], unicamente recorrendo às luzes da própria razão humana” (MARCONI; LAKÁTOS, 2009, p. 79).

Agora, o conhecimento científico surge diante da tensão entre nosso conhecimento e nossa falta de saber. Contudo, esse conflito é suavizado quando se recorre à objetividade e a métodos próprios para conhecer a realidade, que são responsáveis pelo cumprimento de um plano para observação e verificação do objeto de estudo escolhido.

Qual a relação do senso comum com o conhecimento científico? O conhecimento científico se diferencia do senso comum no contexto metodológico do que propriamente ao seu conteúdo, e apresenta as seguintes características, estuda a realidade, suas hipóteses são conhecidas pela experiência, sistematizado, verificável e falível. Assim, pode-se afirmar que o senso comum mostra as primícias do conhecimento científico.

De acordo com Minayo (2004), a cientificidade tem que ser pensada como uma ideia de alta abstração e não como sinônimos de modelos e normas a serem seguidos. A ciência não releva uma verdade absoluta, mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento.

Para Giddens (2002), mesmo quando uma doutrina científica foi verificada e estabelecida no mundo científico, de certa forma ainda continua sujeita à revisão, que poderá a vir ser, parcialmente ou totalmente, descartada à luz de novas idéias ou invenções.

Ainda nesse contexto, o hábito de fumar, tempos atrás, foi sugerido pelos médicos como relaxante, e agora se comprovou que este hábito contínuo causa câncer. Deste modo, constata-se que os conceitos e terminologias no conhecimento científico podem ser modificados à medida que as teorias são revisadas ou descartadas.

Diante do exposto, percebe-se que o labor científico caminha sempre em dois caminhos: o primeiro elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece resultados. Já o outro, inventa, ratifica, abandona certos métodos adotados ou encaminha para certas direções privilegiadas (MINAYO, 2004).

Segundo Iudícibus (1998), ciência é um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o fenômeno de uma mesma natureza e das leis que os regem, obtido por meio de investigação racional e experimental, que, além disso, pode ser submetido à investigação.

Diante disso, as ciências se classificam em formais e exatas como, por exemplo, a lógica e a matemática. Já as factuais se desdobram em naturais (física, química e biologia) e as sociais que estudam os aspectos sociais dos mundos humanos, formados pela vida social dos indivíduos e grupos humanos (comunidade e sociedade).

Considerando que as ciências sociais encontraram dificuldades para ser aceitas como ciência pelos puristas, precisamente pelo caráter de mutabilidade do ambiente social, e do homem, que nele se insere, compondo-o e alterando-o, e assim não permitindo a descoberta das leis estáveis, universais e imutáveis que deveriam reger os fenômenos sociais. Diante dessa problemática, a Contabilidade é uma ciência exata ou social?

Em relação à Contabilidade como ciência, a maioria dos autores a classifica associada à Economia, também não deixa claro se seria uma parte da microeconomia, ou a parte mensurável da economia ligada às entidades. Por outro lado, alguns a entendem como *a antiga arte de Contabilidade* (IUDICIBUS, 1998).

Nesse sentido, o autor não concorda com a inserção da Contabilidade como mera vassala da Economia, mas reconhece que a ciência econômica pode ser considerada a

base para a enunciação de conceitos tanto para a Contabilidade, quanto para a Administração. No entanto, estas duas últimas não podem ser enquadradas como meros subcapítulos ou divisões daquela.

Hoje, apesar dessas dificuldades, existe a aceitação de alguns campos do conhecimento social como ciências, sobretudo quanto mais for possível introduzir mensuração nelas. Nesse aspecto, a Economia é citada como a mais quantificável das ciências sociais. Igualmente, a Contabilidade seria considerada uma ciência exata por apresentar uma equação patrimonial básica, assim alguns a entende.

Não obstante, Iudícibus (1998) ressalta que a Contabilidade, mesmo na aplicação da identidade fundamental, está longe de ser uma ciência exata, como, por exemplo, quando pensamos nas aproximações, estimativas, que se faz para avaliar ativos e passivos, ou para estimar as despesas de depreciação etc.

Deste modo, apreende-se que nem no sentido mensurável a Contabilidade é uma ciência exata, porque sua objetividade ainda se encontra em evolução e depende do consenso de profissionais qualificados, intervenção de estratos sociais. Neste sentido, Iudícibus (2010) lembra que

é preciso selecionar muito bem os *experts* e que, embora possam ter sido indicados por entidades, devem utilizar seu *background* como experiência e vivência, mas deveriam manter grau de independência profissional (IUDICIBUS, 2012, p.58).

Sob esse aspecto, constata-se que um procedimento, às vezes, pode ser considerado objetivo para a Contabilidade e a profissão, desde que envolva uma harmonia no pensamento de profissionais qualificados, normalmente trabalhando em grupos de estudo e pesquisa, criados por academias de pesquisadores, contadores, auditores etc.

Por outro lado, o procedimento considerado objetivo pelo consenso dos estudiosos pode trazer no seu cerne elementos de subjetividade, que se relacionam com o exercício do julgamento profissional, elemento imperioso para todas as profissões liberais (ID, 2010).

Diante das argumentações apresentadas, infere-se que a Contabilidade pode ser conceituada sob três aspectos:

1. Pelo prisma pragmático: para o usuário da informação contábil, o fato de a Contabilidade ser ciência ou não pouco importa; a ele interessa se o sistema de informação contábil a preço modesto apresente informações e análises necessárias para uma ágil tomada de decisão.

2. Sob um ponto de vista econômico mais amplo, macroeconômico, a Contabilidade pode ser vista como a ciência que avalia e reporta sobre a utilização dos recursos escassos alocados pela sociedade a uma particular entidade, servindo para a avaliação de desempenho dela e de seus gestores, bem como inferir sobre a eficiência e eficácia com que os mesmos foram manipulados.

3. Já sob o ponto de vista do objeto da Contabilidade, que é o patrimônio das entidades, pode seguramente ser considerada como a ciência que capta, mensura e reporta as variações qualitativas e quantitativas deste num determinado período.

Diante dessa análise, constata-se que a Contabilidade é uma ciência social, considerando que esta tem como objetivo fundamental fornecer informações econômica, física, de produtividade e social importantes para que cada usuário² em posse destas exerçam seguramente suas decisões e realizem seus julgamentos.

Para Lopes de Sá (2010), a natureza do objeto de estudo é que proporciona a classificação de uma ciência em natural ou social, como a Contabilidade cuida do patrimônio das células sociais, e se estas inserem no contexto social, conseqüentemente, esta é uma ciência social. Por isso, em nenhuma hipótese, pode-se desprezar o entendimento que a Contabilidade precisa de bom senso e de comportamento ético por parte de seus profissionais.

² Usuários da informação Contábil: acionista minoritário, acionista majoritário ou com grande participação, acionista preferencial, emprestadores em geral, entidades governamentais, empregados em geral, como assalariados; média e alta administração (IUDICIBUS, 2010, p.5).

A abordagem ética busca uma Contabilidade que apresente as suas informações de forma justa e não tendenciosa para os interessados, ou seja, a escrita contábil deve retratar fielmente os fatos contábeis dentro das noções de verdade. No entanto, quando todos entendem que a contabilidade deve ser verdadeira, justa e não tendenciosa HENDRIKSEN apud IUDICIBUS (2010, p.8) assegura que “[...] é muito difícil definir, objetivamente, o que vem a ser ‘justo’, ‘verdadeiro’ ou ‘não enviesado’”.

Nesse sentido, Iudícibus (2010) explica que os usuários estariam bem informados se a base de avaliação fosse os custos históricos, na premissa que são objetivos e verdadeiros. Para outros, o custo histórico pode ser enviesado, em determinadas circunstâncias, por não fornecer uma avaliação do custo de reposição de fatores de produção, na data dos balanços.

Em consonância ao exposto, Iudícibus (2010) relata:

Isto pode introduzir um viés no julgamento, e também não seria “justo”, digamos, para a gerência da empresa, pois não estaríamos reconhecendo os acréscimos nos preços dos inventários, por exemplo, deixando de atribuir à gerência o mérito por uma estocagem antecipada (IUDÍCIBUS , 2010, p.8).

Diante dessas considerações, é importante dizer que o objeto de estudo da Contabilidade não é essencialmente quantitativo, também é qualitativo porque a realidade social refere-se ao próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados, abordando “[...] o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações” (MINAYO, 2004, p.15).

Portanto, pode-se dizer que os dados quantitativos não se opõem aos dados qualitativos; ao contrário, se complementam e interagem, considerando que o contexto abrangido por ambos buscam retratar a realidade, excluindo qualquer distanciamento. Nesse sentido, a realidade precisa ser concebida em dois sentidos, o primeiro refere-se às estruturas e instituições em seu estado natural, de criação; o outro busca retratar as crenças e valores que estas adotam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Neste estudo, percebe-se que o conhecimento científico se diferencia do senso comum claramente no contexto metodológico do que propriamente ao seu conteúdo. Assim, infere-se que o senso comum é o precursor para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Outro aspecto interessante abordado se refere à correspondência apresentada entre o patrimônio e as células sociais. As células sócias possuem o patrimônio, e este é objeto de estudo da Contabilidade. Por consequência, esta disciplina se classifica como ciência social.

No mesmo contexto, constata-se que a Contabilidade como ciência possui fontes de informação organizada e sistematizada, enuncia verdades sobre fatos verificáveis, e ainda contribui para a evolução e transformação da humanidade.

Assim, o conhecimento científico capacita o profissional contábil para contribuir para a prosperidade da Teoria Contábil, do Patrimônio das entidades, das células detentoras deste e do todo social, Sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Conhecimento, Ciência, Metodologia Científica e Contabilidade**. Revista Brasileira de Contabilidade. V. 27, n.110, p. 60-63, 1998.

_____. **Teoria da contabilidade**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social**. In: _____.(org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.9-28.

SÁ, Antonio Lopes de. **Teoria da contabilidade**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.